

MANTER-SE CASADAS: RAZÕES DE PERMANÊNCIA NO DISCURSO DAS PRÓPRIAS MULHERES¹

STAY MARRIED: REASONS FOR STAYING IN THE SPEECH OF OUR WOMEN¹

Paula Márcia Alves Arantes²

Gabriela Franco de Almeida³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é enumerar razões pelas quais mulheres se mantêm casadas no discurso das próprias mulheres. O interesse por esse tema surgiu a partir de atendimento clínico de estágio a mulheres que se declaravam infelizes na relação, mas que não conseguiam se separar. É importante ressaltar que a literatura aponta que muitas mulheres se mantêm no casamento mesmo estando infelizes e o vínculo de dependência, bem como de insegurança e auto-estima, são razões influenciadoras da permanência. Entrevista semi estruturada foi realizada com sete mulheres e apreciadas pela análise do discurso, em que foi possível chegar às seguintes categorias: 1) Dependência afetiva pelo parceiro; 2) A idéia de ter uma família; 3) Afeto pela convivência da família; 4) Medo da solidão; 5) Dependência financeira e 6) Medo de não conseguir outra pessoa por ter sentimento de inferioridade. Como conclusão, aponta-se que os resultados do trabalho corroboram com outros estudos da área e sugere-se que outros estudos sejam realizados com aprofundamento mais clínico.

Palavras-chave: Casamento; Separação; Mulheres; Dependência.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to enumerate reasons why women remain married in women's discourse. Interest in this issue arose from the clinical stage of care for women who declared themselves unhappy in the relationship but could not separate. It is important to emphasize that the literature indicates that many women remain in marriage even though they are unhappy and the bond of dependence, as well as insecurity and self-esteem, are reasons that influence the permanence. Semi structured interview was performed with seven women and appreciated by discourse analysis, in which it was possible to reach the following categories: 1) Affective dependence by the partner; 2) The idea of having a family; 3) Affect the family coexistence; 4) Fear of loneliness; 5) Financial dependency and 6) Fear of not getting another person because of feeling inferiority. As conclusion, it is pointed out that the results of the study corroborate with other studies of the area and it is suggested that other studies are performed with more clinical depth.

Keywords: Marriage; Separation; Women; Dependency.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa se deu a partir da experiência de atendimentos a mulheres com queixas relacionadas ao casamento em estágio profissionalizante de Psicologia. Este artigo, então, é fruto do interesse em nos aprofundarmos na temática das relações conjugais e na inquietação que surgiu a partir da experiência clínica na pergunta: “Quais as razões das mulheres se manterem casadas mesmo estando infelizes na relação?”. Algumas mulheres em relacionamentos conflituosos parecem relevar os prejuízos do convívio conjugal e manter a qualquer custo a relação.

Achados na literatura afirmam que um vínculo mal formado com a principal figura de afeto na infância pode trazer consequências negativas para os relacionamentos na vida adulta. Neste sentido, o tipo de experiência que a mulher vivencia no casamento parece estar relacionado ao vínculo de apego ao seu cônjuge e à expectativa de retorno de afeto, esperando sempre o mesmo nível que entrega no relacionamento ou conseguir ocupar um lugar específico. A expectativa do suprimento de afeto, como mencionado, parece ser fundamentada pela falta de reciprocidade gerada por um vínculo malformado, onde a pessoa procura no outro o suprimento do afeto inexistente. Bowlby (2006) afirma que em uma parceira feliz existe um constante dar e receber, ressaltando que em uma relação saudável é necessário ter reciprocidade.

Um problema que também aparece nas relações é o fato de muitos casais abandonarem sua individualidade para viver a vida do outro cônjuge, dispensando seus próprios prazeres para alimentar o prazer do outro: às vezes passa a existir apenas esse outro. Riso (2008) sustenta que uma coisa é defender o laço afetivo, e outra muito diferente é enforçar-se com ele, numa descaracterização de si.

A literatura parece focar, em grande parte de seus estudos, nas separações principiadas pelas mulheres e as consequências de tal separação, o que também justifica a importância de estudarmos sobre a manutenção do casamento por parte de mulheres na contemporaneidade, apesar da infelicidade.

Os adultos, da mesma forma que as crianças, têm necessidade de que alguém não os perca de vista, cuide deles quando estão doentes, conforte-os quando estão abatidos, acalme-os na aflição e os aqueça à noite. E isso vale tanto para os homens quanto para mulheres (ATTILI, 2006, p.56).

Algumas pesquisas apontam que especialmente o sexo feminino vem o fim dessas relações como algo trágico e tem mais dificuldades de retomar a vida. Trazendo o pensamento de Singly (1993), da separação não advém apenas uma repartição dos bens, mas o convívio

social do casal também se divide. Essa é a ocasião em que amigos e familiares da dupla tomam partido de um ou de outro, ou seja, muitas vezes há perdas nas relações sociais. Na partilha e pelos distanciamentos sociais, pode surgir o sentimento de que se perdeu mais que o cônjuge.

Para Osorio (2009), a separação é um processo de diferenciação de ideais e projetos que antes eram comuns aos cônjuges. Muitas mulheres parecem evitar, ou mascarar, essa sensação de desgaste, permanecendo na relação, mesmo não se satisfazendo e inclusive se distanciando de si. Às vezes a mulher acredita não ser capaz de encontrar outro companheiro e desenvolve com o seu parceiro um vínculo de dependência, por isso também vai se colocando numa situação de ceder a tudo.

“Há casais que querem se separar, mas não querem se desgastar; e casais que estão profundamente desgastados, mas não enfrentam a separação por questões econômicas, transformando o casamento em um inferno diário, no qual fica profundamente comprometido o crescimento individual” (OSORIO, 2009, p.416-417).

Continuando com o pensamento de Osorio (2009), alguns casais vão se distanciando com o passar do tempo e pelos conflitos acabam não se reconhecendo mais, entrando em discórdia diante do seu espaço individual e relacional.

De acordo com Norwood (2010, p. 80),

Para muitas mulheres que amam demais, aqueles papéis freqüentemente significavam que negavam suas próprias necessidades enquanto tentavam satisfazer as de outros membros da família... Talvez fomos forçadas pelas circunstâncias a crescer rápido demais, assumindo prematuramente responsabilidades de adultos, porque nossa mãe ou nosso pai estava doente física ou psicologicamente e não podia desempenhar as funções paternas apropriadas.

Como mencionado, muitas vezes as mulheres negam seu papel e se doam inteiramente para os casamentos, esquecendo-se delas mesmas. Segundo Osorio (2009) um dos fatores mais interessantes que existe em uma relação afetiva é quando a mulher investe inteiramente na relação com o filho e com as tarefas do lar e acaba deixando de desenvolver inclusive seu papel de esposa ou deixando de lado seus desejos para atender o desejo do marido e da família. A mulher se descaracteriza tanto que não tem vida própria, e precisa existir a partir do outro.

De acordo com Barcelos(1993), pessoas em conflitos na união afetiva tem frequentemente a sensação de dor, seu discurso é sempre cheio de muita mágoa e tem guardado dentro de si um forte sentimento de injustiça por não ser fácil aceitar que possui uma disfunção emocional dependente. Em contrapartida também não é fácil ficar sozinho em um mundo no qual, aparentemente, a maioria deseja viver em pares. Isso ocorreria devido à reciprocidade desejada que aparentemente transborda nas relações de amor, se consolidando uma tendência de dar e receber afeto na mesma intensidade, mas nem sempre é o que acontece.

Mark (1996) aponta que nas relações de dependência por parte de um dos cônjuges, deseja-se a aceitação e isso implica em tentativas de reconhecimento. Na dependência, a individualidade está comprometida, e há uma obsessão por controlar a vida da outra pessoa de todas as formas possíveis. Nesses casos, perde-se a identidade em função de agradar o outro para conseguir recompensa, de forma que o “dependente” tem um bloqueio de entrar em contato com seu próprio mundo interno, tendo que viver para cuidar e controlar o outro. Parece não haver, então, um espaço para as individualidades.

Mas, segundo Osorio (2009, p.17):

O espaço individual para o casal é necessário, pois nessas situações é que o parceiro deve respeitar seus próprios gostos, escolhas e limites, iniciando um processo de troca junto com o companheiro, que deve ser honesta e sempre persistente, pois não é fácil a construção de uma relação saudável.

Um achado importante na literatura aponta para o fato de que a mulher com dependência de afeto tende a manter uma união por não se sentir competente com sua estrutura emocional para cuidar de si mesma. Allen e Allan (2006) afirmam que a mulher se submete a determinadas situações em que não se sente bem por não se sentir suficientemente boa para manter seu equilíbrio emocional, vindo a perder sua própria identidade.

Segundo Allen e Allan (2006), a mulher que se submete a aceitações no casamento devido ao sentimento de inferioridade, coloca sempre o outro na frente de seu amor próprio, silencia e guarda para si o que não está fazendo bem, com receio de romper a relação conjugal. A mulher, nessas condições, parece nunca se reconhecer vítima da relação conflituosa, não conseguindo entender que existe uma incompatibilidade do casal, se culpando e tentando achar soluções e desculpas para nunca levar ao fim o casamento.

A partir da problemática apresentada, procura-se enumerar, aqui, razões pelas quais as mulheres se mantêm casadas a partir da análise do discurso das próprias mulheres.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é enumerar razões pelas quais as mulheres se mantêm casadas no discurso das próprias mulheres.

METODOLOGIA

Este estudo é de caráter descritivo e qualitativo, e contou com a realização de entrevistas semi-estruturadas. Um roteiro de entrevista foi construído a partir dos objetivos do trabalho e pesquisa bibliográfica. As entrevistas foram realizadas a sete mulheres e posteriormente transcritas e apreciadas a partir da análise do discurso.

As entrevistas foram realizadas na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Ituiutaba) no mês de Julho de 2017, nas dependências da clínica-escola. Foram entrevistadas sete mulheres e elas tinham entre vinte e dois e cinquenta e cinco anos. As entrevistadas foram abordadas enquanto esperavam para atendimento psicológico na referida instituição e, assim, foram convidadas a participar da pesquisa. Todas as participantes leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e puderam fazer a entrevista nesse mesmo local, conforme a disponibilidade que apresentaram. As participantes foram alertadas sobre os objetivos da pesquisa, bem como sobre os dados de sigilo. Também foram alertadas para o fato de que poderiam desistir quando quisessem. Todas as mulheres que foram abordadas e que eram casadas, aceitaram participar da entrevista.

O roteiro de perguntas para as entrevistas foi composto de dados demográficos (idade; tempo de relacionamento e existência de filhos) e das seguintes questões: 1) Como você avalia sua relação afetiva hoje?; 2) Você sente que sua opinião é valorizada na sua relação?; 3) Diga algo que lhe estressa e te deixa triste na união; 4) Como seu marido pode ajudar a aliviar seu fardo?; 5) Você acha que dividem as responsabilidades de forma satisfatória em seu casamento?; 6) O que seu marido poderia fazer para você se sentir mais amada?; 7) Você já pensou em se separar?; 8) Se sim, por que não se separou?

Depois de transcritas as entrevistas, cada fala foi analisada pensando em agrupamentos de ideias. Tais ideias, conseqüentemente, foram formaram blocos de respostas comuns, o que possibilitou chegar às categorias de respostas.

Algumas falas foram colocadas no quadro de apresentação de resultados como foram enunciadas.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A entrevistada 1, tem 33 anos, está casada há três anos e meio e tem um filho. Avalia a relação como “totalmente estável”. A entrevistada 2 tem 55 anos, está casada há 15 anos e tem dois filhos e avalia a relação como boa, apesar de já ter passado por várias turbulências (sic). A entrevistada 3 tem 33 anos, está casada há 9 anos e tem um filho e avalia a relação como ótima (sic). A entrevistada 4 é a mais jovem, tem 22 anos, está casada há três anos e ainda não possui

filhos parece não usar uma palavra específica para definir a relação, mas diz que quando as pessoas aprendem a lidar com as diferenças tudo se torna mais leve. A entrevistada 5 tem 33 anos, está casada há 15 anos e tem dois filhos e afirma que sua relação melhorou muito. A entrevistada 6 tem 38 anos, está casada há 22 anos e tem dois filhos e afirma que sua relação melhorou muito depois de alguns altos e baixos (sic). A entrevistada 7, assim como a entrevistada 4, tem 22 anos, está casada há quatro anos e tem dois filhos e afirma que sua relação é boa (sic). A idade das entrevistadas varia, então, de 22 a 55 anos. E o tempo de casamento varia de 3 a 22 anos.

Quando perguntadas se já pensaram sobre separação, duas mulheres responderam que não – fato que será analisado mais abaixo. Como razões daquelas que já pensaram em se separar aparece: filho, dependência, sentimento de afeto pelo marido, sentimento de companhia e sentimento de ter família.

O quadro abaixo foi criado para apresentação dos resultados de forma sintética, considerando trechos do discurso das participantes para, assim, chegar às categorias apresentadas na conclusão do trabalho.

<ul style="list-style-type: none"> • Idade • Tempo de relação • Filhos 	Como você avalia sua relação afetiva hoje?	Você sente que sua opinião é valorizada na relação?	Diga algo que lhe estressa e te deixa triste na união? Como seu marido pode ajudar a aliviar seu fardo?	Você acha que dividem as responsabilidades de forma satisfatória em seu casamento?	O que seu marido poderia fazer para você se sentir mais amada?	Você já pensou em se separar? Porque não se separou?
(Entrevistada 1) <ul style="list-style-type: none"> • 33 anos • 3 anos e meio • 1 Filho 	Totalmente instável.	Não tem voz ativa na relação. Não sente valorizada em suas escolas.	Problemas financeiros. Ajudaria se resolvesse tais problemas.	Não.	Ser compreendida, mais ouvida, ter mais atenção e mais presença.	Já pensou em separação. Filho e dependência.
(Entrevistada 2) <ul style="list-style-type: none"> • 55 anos • 15anos • 2 Filhos 	Hoje avalia como boa, apesar de já ter passado por várias turbulências.	Muitas vezes a sua opinião não é valorizada.	Conflitos familiares do lado do marido. Excesso de atenção para a mãe. Diminuir a atenção que dá para a mãe.	Sim.	Acha que está bom da forma que o relacionamento anda.	Todo dia. Pelo sentimento que ela tem por ele.
(Entrevistada3) <ul style="list-style-type: none"> • 33 anos • 9 anos 	Ótima.	Sim.	Conflitos familiares, interferência do marido com	Sim.	Não tem o que reclamar, carin	Nunca.

<ul style="list-style-type: none"> • 1 Filho 			opiniões ofensivas com a família dela. Pensando mais antes de falar.		hoso e amoroso.	
(Entrevistada 4) <ul style="list-style-type: none"> • 22 anos • 3 anos • Nenhum filho. 	Quando aprende a lidar com as diferenças tudo se torna mais leve.	Sim, mas é necessário que a mulher se imponha para ser ouvida.	Fazer xixi fora da privada. Não fazendo isso mais.	Sim. As vezes mais ele.	Nada, nossa relação já nos supre.	Ainda não pensei nessa possibilidade.
(Entrevistada 5) <ul style="list-style-type: none"> • 33 anos • 15 anos • 2 Filhos 	Melhorou muito.	Sim.	Não mentir, ter diálogo na relação.	Não, mais ela. Financeiramente sim, porém em educar os filhos e outras coisas ele é meio ausente.	Fazer elogios, gostar mais dela e ter retorno do que ela sente.	Sim, no início. Pelo gostar dele, sentimento e companhia. Além também da união da família.
(Entrevistada 6) <ul style="list-style-type: none"> • 38 anos • 22 anos • 2 Filhos 	Boa, depois de alguns altos e baixos hoje é boa.	Sim.	Bebida alcoólica. Não beber mais ajudaria a aliviar esse fardo.	Mais ele que ela.	Ser mais presente, dar mais atenção para ela.	Sim. Quando desconfiou que estava sendo traída, foi atrás e não encontrou nada.
(Entrevistada 7) <ul style="list-style-type: none"> • 22 anos • 4 anos • 2 Filhos 	Boa.	Sim.	Mentiras. Não mentir.	Sim.	Nada, já está bom da forma que está.	Sim. Pelo gostar dele e da união da família.

Quadro 01: Apresentação dos resultados

A entrevistada número 1, ao ser perguntada sobre o que o marido poderia fazer para que ela se sentisse mais amada, respondeu que gostaria de ser mais compreendida, de ter mais atenção, de ser mais ouvida. A fala da entrevistada parece refletir uma necessidade de receber uma atenção maior do marido, que parece não lhe oferecer essa escuta. Além de ter sido um dado encontrado em outras entrevistas, esse dado se confirma com outros estudos, como no caso de Hertlein e Piercy (2006). Muitas vezes no relacionamento homem-mulher começa a existir um distanciamento entre os casais, limitação da companhia, do afeto e principalmente da comunicação, ocasionando um enfraquecimento de atributos importantes na relação conjugal que, por sua vez, pode levar a insatisfações. Millner (2008) afirma que traições pode ser fruto de tais insatisfações e que o desinteresse pelo outro é um indício de que as coisas não estão como deveriam estar, pois o que é esperando numa relação é que haja interesse pelo outro.

Ao perguntar sobre o que a deixa triste e o que o marido poderia fazer para melhorar a relação, a entrevistada1 cita a questão financeira do casal e, nas entrelinhas, justifica sua frustração perante as finanças do lar, deixando transparecer uma determinada dependência

financeira, outro fator muito marcando na literatura para que as mulheres continuem em relações que não estão boas.

A entrevistada número 2 se contradiz ao dizer que se sente bem na relação, mas que pensa em se separar todo dia. Talvez isso reflita uma contraposição de forças: o desejo de estar na relação e ter um marido diferente, ao mesmo tempo em que também existe o desejo de sair da relação. Ao ser questionada sobre o porquê de não ter se separado, a entrevistada parece demonstrar a dependência afetiva pelo parceiro. Ao apontar defeitos de seu marido e dizer que gostaria que suas atitudes mudassem, ela justifica os erros do próprio marido, demonstrando um jogo de forças internas entre desejo e razão e uma tentativa de resolução da sua dissonância cognitiva. Segundo Aroldo Rodrigues (2002), as pessoas criam justificativas para resolver suas contradições e conseguem ficar melhor internamente, pois precisam das justificativas para continuar como estão.

Apenas duas mulheres (terceira entrevistada e quarta entrevistada) declararam não pensar em separação, mesmo evidenciando vários conflitos. Pensar na separação como uma possibilidade parece não ser um caminho. Nos dois casos fica a impressão de que tais mulheres estão deixando suas frustrações *de lado* para, talvez, manter o casamento.

A entrevistada número 4, ao ser perguntada sobre como avalia sua relação afetiva atualmente, não consegue chegar à uma conclusão de classificação positiva ou negativa. Apenas aponta que *quando se aprende a lidar com as diferenças do outro tudo se torna mais leve*(sic), ou seja, em algum momento as diferenças parecem ter deixado essa mulher incomodada. A literatura aponta que é comum as mulheres se submeterem às modificações para aceitar o jeito do marido, ao invés de ambas as partes entrar em um acordo. Norwood (2010) fala em seu livro que a mulher com medo de ser abandonada é capaz de fazer qualquer coisa para impedir o fim do relacionamento.

Na resposta da entrevistada número 5, ao ser perguntada sobre o que o marido poderia fazer para ela se sentir mais amada, encontramos mais uma vez o dado da falta de atenção do marido com a esposa: ela cita a falta de elogios e de reciprocidade no amor, o que seria de uma normalidade para um relacionamento afetivo, aquilo que se espera de uma relação. A falta de atenção e valorização do amor da mulher aparecem em muitas respostas das participantes. Segundo Norwood(2010), muitas mulheres que estão num relacionamento de dependência ou num relacionamento complicado, não se sentem no direito de serem amadas, de receber a reciprocidade. Ao contrário, acreditam que possuem falhas ou defeitos terríveis e, como tem medo de serem descobertas nessas falhas, sentem-se na obrigação de se esforçarem bastante para superar tais defeitos.

Ao ser questionada se já pensou em terminar a união afetiva, a participante 5 dá ênfase na união da família e no companheirismo do marido como importantes para a manutenção. A ideia de uma família unida geralmente é uma das categorias de razões pelas quais a união conjugal se mantém. A mulher não quer privar os filhos do convívio com o pai e não acontece uma separação nessas funções: o marido pode não ser um bom marido, mas pode continuar sendo um bom pai.

Na fala da participante 6 aparece um dado interessante apontado em outros trabalhos, como o de Norwood (2010): a entrevistada disse que hoje a relação está boa, *apesar dos altos e baixos que já tiveram*(sic), mas que já pensou em terminar o casamento porque desconfiou de uma traição (mas esta não foi confirmada, o que a fez continuar na relação, segundo seu discurso). Ao que parece, as mulheres numa relação de dependência ou numa relação complicada, entendem que a separação só poderia vir de um evento realmente grave, como uma traição e não aceitam que outros prejuízos possam também ser a justificativa para uma separação porque, talvez, não tem coragem para arcar com o rompimento. Na entrevista também ficou bem explícito o medo de não conseguir outra pessoa, medo de ficar só.

A entrevistada número 7, nas primeiras perguntas, disse que tudo estava bem e que sua opinião é respeitada na relação e disse ainda que o marido foi muito companheiro por tê-la suportado em uma Depressão *muito forte* (sic), mas, mesmo com essas citações da entrevistada, ela afirma que já pensou em se separar e não conseguiu sustentar a separação pelo fato de gostar muito da ideia de ter uma família, bem como pelo sentimento que tinha por essa família e pelo próprio marido. A ideia presente de família que parece persistir é a família tradição: mãe, pai e filhos juntos numa mesma casa. Quando questionada a respeito de sua Depressão, bem como das razões pelas quais pensou em se separar, a entrevistada não se aprofundou, mas fazendo uma leitura da fala dessa mulher como nos foi apresentada, isto é, sem também nos aprofundarmos no fato de que ela pode estar negando uma outra realidade, nos parece que o sentimento de gratidão pelo marido a impediu de concretizar a separação.

Como as categorias de resultados - (1) Dependência afetiva pelo parceiro; 2)A ideia de ter uma família; 3) Afeto pela convivência da família; 4) Medo da solidão; 5) Dependência financeira e 6) Medo de não conseguir outra pessoa por ter sentimento de inferioridade - apontam para uma problemática relacionada à auto-estima dessas mulheres, optamos por discutir um pouco o assunto neste trabalho. É muito interessante notar, a partir dos dados e da própria literatura, o quanto a auto-estima da mulher está associada ao fato de ter um companheiro: preferem manter-se numa relação que não está satisfatória em função do título

de “casadas”. Ao que parece, a separação é vista como um fracasso social, e não como um meio para a independência e inclusive para a felicidade.

Quando aceita-se permanecer numa relação que fere física e/ou psicologicamente, muito provavelmente identifica-se a necessidade de estar nessa relação, o que nos faz lançar a pergunta: “Por que permanecer numa relação ruim?”. Parte da resposta, talvez, passe pela necessidade de estar acompanhada. Se buscarmos a resposta ainda mais por detrás dessa ideia, talvez cheguemos ao fator auto-estima: “Eu preciso estar acompanhada para ser alguém”. A ideia é fruto de anos de patriarcado, cuja função da mulher era unicamente ser mulher de alguém, sem identidade própria.

É interessante discutir o quanto a ideia de estar casada interfere em como essas mulheres se veem como detentoras de um sucesso social – mesmo que na intimidade o sucesso não seja evidenciado. A auto-estima, isto é, o valor que nos atribuímos, parece estar prejudicada quando se faz escolhas assim.

Ao defender o desejo de continuarem casadas, permanecendo numa relação em que recebem muitos prejuízos, parecem acreditar que não foram capazes de se fazerem amáveis – o que as colocam num ciclo de tentativa de auto-afirmação, tentando a todo custo conseguir afeto do parceiro em quem canalizaram esse desejo. Além disso, também parecem pensar que não conseguirão estabelecer outras relações melhores. A baixa auto-estima também aparece como resultado dessa educação machista em que ao homem é dado o direito de escolher sua mulher, cabendo a mulher o papel de ser escolhida. As mulheres, então, parecem ainda ocupar um lugar de passividade na relação, como se não pudessem de fato escolher e, ainda que pudessem, como se não houvessem outras opções.

Como as mulheres se valorizam, então, parece ser muito influenciado por seu *status* de relação, ao passo que estar sozinha também poderia ser uma opção possível, subvertendo a ordem de escolha: a mulher também pode escolher justamente por se valorizar.

A autonomia e a independência enquanto necessidades da mulher, fazendo um paralelo com a ideia da pirâmide de Maslow, parece que dependem muito da satisfação das necessidades afetivas e vitais em geral. De acordo com Viana, Bomfim e Chicone (2006), “as mulheres são educadas para que outros e outras dependam delas, relegando suas necessidades afetivas a segundo plano”. O vazio interior, então, que aparece como uma carência, gera um sentimento de fraqueza, colocando-as compulsivamente e meio que contraditoriamente, dependentes de outra pessoa. A ideia da dependência ser algo contraditório aparece porque ao mesmo tempo que a mulher deve ser forte para cuidar, suas necessidades não tomam a cena,

sendo colocadas de lados, mas reaparecem em forma de carência afetiva e parecem ser canalizadas para um objeto salvador que, no caso, é o companheiro.

CONCLUSÃO

Como mencionado, o objetivo deste trabalho foi enumerar as razões pelas quais as mulheres se mantêm casadas no discurso das próprias mulheres. Através do discurso dessas mulheres sintetizado em poucas palavras nos quadros, foi possível levantar seis categorias de razões pelas quais a união conjugal se mantém: 1) Dependência afetiva pelo parceiro; 2) A ideia de ter uma família; 3) Afeto pela convivência da família; 4) Medo da solidão; 5) Dependência financeira e 6) Medo de não conseguir outra pessoa por ter sentimento de inferioridade.

A categoria “Dependência afetiva pelo parceiro” expressa a necessidade de estar na relação por causa do outro, o parceiro parece existir como figura de maior referência e as mulheres parecem existir a partir dessa figura. A segunda categoria, “A ideia de ter uma família”, marca que a noção de família é ainda muito patriarcal: pai, mãe e filhos. As mulheres não são capazes de se perceber numa família sem a figura masculina ou do marido. A terceira categoria, “Afeto pela convivência da família”, parece demonstrar que as mulheres desejam oferecer aos filhos o sentimento de família completa, com a figura do pai. Essas mulheres, que são mães, parecem não querer privar os filhos de um convívio mais estreito com o pai, mas, por outro lado, não percebem que a relação “pai-filho” acontece ou deveria acontecer independentemente da figura dela, ou seja, se a mãe se sente obrigada a estabelecer essa mediação ou se é obrigada a ocupar esse lugar, a relação pai-filho também está com problemas. A categoria “Medo da solidão” entrelaça-se também com a última categoria, “Não conseguir ficar sozinha por sentimento de inferioridade”. A baixa auto estima dessas mulheres parece ser uma causa importante de influência de percepção: existe uma tendência em diminuir-se e aumentar a figura do companheiro. O medo de ficar sozinha talvez reflita também que essas mulheres já estão sozinhas.

Não há a intenção de se fazer um viés de resultados aqui, apontando que as mulheres entrevistadas deveriam se separar, mas, na perspectiva deste trabalho, essas mulheres parecem não saber que tem a opção da separação como possível caminho mais feliz, pois não conseguem se ver fora da relação e/ou longe do cônjuge.

Para Norwood (2010), as mulheres que amam demais, isto é, mulheres que amam mais a relação ou o parceiro do que a si próprias, precisam reconhecer que estão em sofrimento e procurar ajuda. Como forma de auxílio nesse processo de percepção do sofrimento e da

necessidade de ajuda, na atualidade muito tem se falado sobre o empoderamento da mulher, e acreditamos que a Psicologia, além de contribuir na produção de campanhas midiáticas, é ferramenta necessária no trabalho de intervenção na rede de atenção pública, nos serviços de acompanhamento de famílias. Destaca-se ainda que o trabalho das clínicas-escola de Psicologia é também importante ferramenta de contribuição de intervenção de cuidado e, por outro lado, é importante para dar seguimento na produção de conhecimento sobre esse tema. Como apontado na introdução, o desejo de estudar sobre esse assunto surgiu a partir da experiência de atendimento em estágio clínico.

Destaca-se que o contato com as entrevistadas se deu de uma forma muito breve, apenas para a entrevista, e, como sugestão para outros trabalhos, apontamos a necessidade de estudo mais aprofundado, talvez utilizando os dados de prontuário e realizando pesquisa com aprofundamento mais clínica. Também seria interessante que o marido também pudesse ser ouvido. Além disso, destaca-se que não foram ouvidas mulheres em relações homoafetivas, o que também seria bastante interessante, uma vez que os dados poderiam ser comparados e por tratar-se um quadro real da sociedade atualmente.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALLEN, S.; ALLAN, P. *Compreendendo as Raízes do Lesbianismo*. 2ª Ed. Londrina: Ed. Exodus Brasil, 2006.

ATTILI, Graziia. **Apego e Amor**: entenda porque escolhemos nosso parceiro. Tradução José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2006.

BARCELOS, Carlos. **Criando sua liberdade**: Amor sem dependência. São Paulo: Gente, 1993.

BERGER, P. & KELNER, H. **Marriage and the construction of reality**. Em P. H. Dreiazel. (Org.), *Recent sociology*, New York: The Mac Millow Company, 1970.

BOWLBY, J.. **Apego: A natureza do vínculo**. vol. 1. Trad. por Álvaro Cabral (do original em inglês Attachment and loss, de 1969). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____, 1977-1990. **Formação e rompimentos dos laços afetivos**. Tradução Álvaro Cabral, 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006;

GOMES, S. E.; CARNEIRO, H.P. **A logoterapia de Viktor Frankl: de Kronos a Kairós**. Revista da associação brasileira de logoterapia e análise existencial. V.2, n. 2, Dezembro 2013.

HERTLEIN, K. M., & PIERCY, F. P. Internet infidelity: **A critical review of the literature**. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(4)366-371, 2006.

MARK, L. R. **Pecado Secreto**. Porto Alegre: Ed. Luz e Vida, 1996.

MILLNER, V. S. Internet infidelity: **A case of intimacy with detachment**. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16(1),78-82, 2008.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo: Saraiva, 2010.

OSORIO, Luiz Carlos, Valle, Maria E. Pascual do, & Cols.. **Manual de Terapia familiar**. Porto Alegre : Artmed, 2009.

RISO, Walter, 1951- **Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável**. Tradução de MarlovaAseff. Porto Alegre,RS: L&PM,2008.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 22ª Edição em 2003. 3ª Ed 2002.

SINGLY, François.. **Sociologie de lafamillecontemporaine**, Paris: Nathan, 1993.

ZAMPIERI, M. A. J. **Transtorno de Personalidade codependente**: Discussão sobre classificação diagnóstica e manifestações sistêmicas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 6(2), 123-134, 2004.